

DALTON PAULA: O SEQUESTRADOR DE ALMAS

**Dalton Paula
e Lilia Moritz Schwarcz**

**Introdução ou
como descolonizar
a imaginação**

18

1.

**Retratos: sobre
outros heróis e
heroínas silenciados
pela história**

26

2.

**Nilo Peçanha,
o Batedor de bolsa
e Tabuleiro:
um corpo negro
de dorso nu**

56

**3.
Ex-votos e
grandes formatos:
a presença da
ausência
68**

**4.
Rotas a seguir
92**

**Dalton Paula e seus
territórios negros:
elogio da presença
da ausência
138**

**English version
163**

**Introdução
ou como
descolonizar
a imaginação¹**

1.
Os autores agrade-
cem à Ceíça Ferreira
por sua ajuda inesti-
mável na organização
do material e pelo
seu apoio irrestrito à
realização deste livro.

3.
Vide Gomes, Flávio
dos Santos. *A hidra
e os pântanos: Mo-
cambos, quilombos e
comunidades de fugi-
tivos no Brasil (séculos
xvii-xix)*. São Paulo:
Unesp, 2005.

Em meados do ano de 2020, encomendamos a Dalton Paula o retrato de Daniel Antônio Araújo, líder de uma revolta quilombola ocorrida no Maranhão oitocentista.² Daniel tinha em torno de 30 anos quando fugiu da fazenda de Virgílio de Araújo e instalou-se no mocambo São Benedito do Céu, localizado na cidade de Viana. Em 1867, organizou uma grande invasão à fazenda Santa Bárbara e depois à Vila Nova de Anadia. A essas alturas, Daniel havia aprendido a ler, tinha notícias das rebeliões que estavam ocorrendo nos Estados Unidos e no Caribe, sabia da Guerra do Paraguai na qual o Brasil andava metido e vinha enviando combatentes negros e ex-escravizados no lugar dos filhos de grandes proprietários. Mandou então uma carta às autoridades policiais, dizendo que os rebeldes negros queriam apenas defender “a liberdade dos escravizados [...] sem fazer mal a ninguém”.³ Justificava, todavia, que se fosse obrigado, faria uso de armas. A Revolta de Viana, como ficou conhecido o movimento rebelde, teve imediata repressão: 31 escravizados e dois negros livres foram condenados pelo “crime de insurreição”, enquanto Daniel foi sentenciado à prisão perpétua e nunca mais se teve notícia dele.

Daniel tinha importância fundamental no projeto *Enciclopédia negra*, cujo livro, assim como a exposição na Pinacoteca de São Paulo, foram publicados e inaugurados entre final de abril e começo de maio de 2021. Em 2022 a mesma exposição foi aberta no Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro (MAR), relida a partir do acervo dessa instituição e de seis novos artistas especialmente convidados. Negro, quilombola, letrado, ele representa, exemplarmente, como escravizados e escraviza- das nunca foram passivos no Brasil, rebelaram-se, manipularam as leis e lutaram sempre pela liberdade.

Àquelas alturas, e antes de receber o retrato, eu imaginava um Daniel maltrapilho, meio sujo e malvestido, boa maneira, pensava eu, de passar a impressão de um rebelde quilombola. Assim sendo, quando vi pela primeira vez a obra de Dalton Paula reagi com surpresa. A pintura era belíssima, mas o Daniel de Dalton não podia ser mais diferente do que aquele que idealizara originalmente. Lá estava o rebelde, altivo, forte, trazendo sulcos do tempo e de nação no rosto, e, a exemplo de

2.
Refiro-me ao projeto
Enciclopédia negra,
coordenado por
Flávio Gomes, Jaime
Lauriano e por mim,
e que inclui retratos
feitos por 36 artistas
negro/as/es. São
Paulo: Companhia
das Letras, 2021.

outros retratos do artista, com o nariz e a boca salientes. Isso porque, ao invés de esconder características físicas em geral estereotipadas da população negra, as personagens criadas pelo artista sempre ganham esse tipo de marca autoral e de respeito. Melhor evidenciar o preconceito do que omitir e esconder essas que são formas públicas de discriminação. Melhor ainda transformá-las em motivos de orgulho.

Entretanto, distante do que previra, Daniel ganhou uma expressão plácida, um paletó verde oliva bem cortado, camisa branca asseada e abotoada até o pescoço. Historiadora e antropóloga branca que sou, logo reagi com um pouco de ironia, dizendo: “Você acha mesmo que nosso protagonista estaria trajado dessa maneira elegante sendo ele um revolucionário do interior do Maranhão?”. Ao que Dalton respondeu, certo: “Ele poderia não estar vestido assim, mas é dessa maneira que ele gostaria de se ver representado, depois de tanto tempo!”.

Após receber essa assertiva, proferida com o tom de voz doce e calmo de Dalton, com seu leve sotaque que oscila entre Belo Horizonte e Goiânia, guardei minha soberba no bolso, e entendi, uma vez mais, como se dá seu processo criativo. Ele ocorre a partir de um profundo diálogo e afeto com essa imensa diáspora transatlântica, cujos integrantes foram obrigados a deixar seus países, famílias, povos e nações, para se dirigirem às Américas e ao Caribe, e aqui constituíram novo lar.

Dos mais de 12 milhões de africanas e africanos que tiveram que partir compulsoriamente de seu continente, apenas 10 milhões chegaram com vida às Américas, e desses, quatro milhões e oitocentos mil tiveram como destino final, a partir de meados do século XVI, o Brasil.⁴ O país recebeu, portanto, quase a metade desses imigrantes compulsórios, espalhando-os por todo o território. Mais ainda; naturalizou de tal maneira o trabalho forçado, que o transformou em linguagem: uma linguagem da hierarquia, e por isso silenciosa no racismo que a impregna e estrutura.

O Brasil foi também o último a abolir esse sistema; só o fez em maio de 1888, com uma lei conservadora e nada inclusiva — isso num contexto em que já existiam projetos que previam maior inserção das pes-

4. Ver Slave Voyages. Disponível em <https://www.slavevoyages.org/>.

5.
Nogueira, Oracy.
*Preconceito de marca.
As relações raciais
em Itapetininga*. São
Paulo: EDUSP, 1998.

soas negras nesse país em que educação formal e saúde pública nunca foram privilégios *de e para* todos. Com isso, processos de desigualdade se mantiveram enraizados; inaugurando-se uma discriminação “por marca”,⁵ inscrita nas cores, mas também na origem da população, e partilhada de forma invisível por certos setores da sociedade.

Não obstante, essas não foram pessoas que se limitaram a “sobreviver”. Já nos navios negreiros — os tumbeiros — criaram-se amizades (os malungos) e formas de reconhecimento. Por aqui aportaram culturas materiais e imateriais, religiões, panejamentos, técnicas e tecnologias, rituais, cosmologias, conhecimentos científicos, modelos visuais, filosofias, cerâmicas, costumes e valores. Além do mais, vieram da África e aqui se formaram redes afro-brasileiras de sociabilidade, a partir de práticas, cultos e cartografias recriadas no exílio. No Brasil, saberes ganharam uma forma cultural e social comum, uma dicção própria, resultante das muitas nações africanas unidas por uma imensa e injusta diáspora. Essas populações foram *escravizadas* por conta das circunstâncias e não da origem. Afinal ninguém foi escravo no passado; foram congos, moçambiques, angolas, sudaneses, bantos, minas, iorubas, monjolos, congos, benguelas, e de muitas outras nações do norte ao sul do continente.

Esse é o universo subjetivo, afetivo e criativo de Dalton Paula, que faz da sua arte um espaço aberto ao diálogo com as pessoas que vai encontrando nas suas várias *rotas*; entabulando uma conversa com a história de seus antepassados — as muitas narrativas que povos de origem africana legaram, além de aquelas criadas no vasto convívio *com e no* Brasil. Suas obras, nos termos do próprio Dalton, servem à “cura” e à “destilação” da imagem estereotipada da condição negra — representam uma forma de libertação. Nesse espaço “entre mundos” e histórias, esses povos louvaram suas alegrias, cantaram suas tristezas, recriaram suas próprias mitologias, trouxeram odores, sabores, adereços, culinária, linguagens e traçados. O mesmo ocorreu no período pós-abolição, o qual, infelizmente, teve data para começar – 13 de maio de 1888 – mas não para terminar, com o país mantendo e ampliando a existência de um racismo estrutural e institucional.⁶

6.
Sobre o tema vide,
entre outros, Almeida,
Silvio. *Racismo
estrutural*. Coleção
Feminismos Plurais.
São Paulo: Pólen 2019.